

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**A CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR E NÃO
ESCOLAR: NARRATIVAS DE MULHERES CAPOEIRISTAS
TERESINENSES**

TERESINA
2018

JÉSSICA YULE LISBOA BARBOSA

**A CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR E NÃO
ESCOLAR: NARRATIVAS DE MULHERES CAPOEIRISTAS
TERESINENSES**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura apresentado à Universidade Estadual do Piauí - UESPI, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Professor Dr. Robson Carlos da Silva

TERESINA
2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Estadual do Piauí

Biblioteca

Serviço de Processamento Técnico

BARBOSA, Jéssica Yule Lisboa

A capoeira como prática pedagógica escolar e não escolar:
narrativas de mulheres capoeiristas teresinenses / Jéssica Yule
Lisboa Barbosa – Teresina, 2018.

JÉSSICA YULE LISBOA BARBOSA

**A CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR E NÃO
ESCOLAR: NARRATIVAS DE MULHERES CAPOEIRISTAS
TERESINENSES**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura
apresentado à Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Professor Dr. Robson Carlos da
Silva

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robson Carlos da Silva
Orientador

Profa. Dra. Lucineide Barros Medeiros

Profa. Esp. Cândida Angélica Pereira Moura

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, não só acadêmica, mas em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer. Por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, Humberto Barbosa de Araújo e M^a de Fátima Lisboa Barbosa (in memorian), pelo carinho, amor e dedicação para que tudo desse certo em minha vida. Pelos ensinamentos que me repassaram sobre caráter, humildade, caridade e principalmente determinação com os meus objetivos.

A minha amada Joyce Milena, por suportar minhas chatices no momento de tensão do TCC, pelo carinho, lealdade, dedicação, companheirismo e cumplicidade.

Aos meus irmãos, Junior, Jailson e Jaqueline pelo apoio, carinho e companheirismo.

A esta Universidade e seu corpo docente que me oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

Ao meu orientador Dr. Robson Carlos da Silva pela atenção, orientação, confiança e por me proporcionar os conhecimentos necessários para elaboração deste trabalho, assim como, os ensinamentos para o meu processo de formação profissional e pessoal.

Aos meus amigos que sempre acreditaram e torceram por mim. Enfim, a todos que tornaram possível a realização dessa etapa de minha vida.

Ao meu pai e minha amada mãe (in memoriam),
por tudo que fizeram por mim, por serem
trabalhadores, guerreiros e sempre terem
lutado pela minha educação.

O segredo para viver em paz com todos,
consiste na arte de compreender cada um
segundo a sua individualidade.

Federico Luis John

RESUMO

O trabalho discute os achados de uma pesquisa que pretende descortinar as representações a respeito das condições das mulheres na capoeira, suas inserções, participações e os papéis a elas atribuídas nesse universo; aprofundar investigações bibliográficas, em textos de documentos oficiais e não oficiais, notícias jornalísticas e registros de imagens paradas acerca da participação de mulheres na prática da capoeira no espaço temporal dos anos finais da década de 1980 ao ano de 2017; identificar como as mulheres capoeiristas teresinenses representam, constituem e determinam sentidos e significados a suas práticas na capoeira, por meio da escuta e registro de suas narrativas; descrever o papel sociocultural das mulheres e suas contribuições pedagógicas no contexto das práticas da capoeira em Teresina. Para alcançar esses objetivos foram realizadas investigações de cunho teórico e bibliográfico acerca do tema em questão, além da análise das entrevistas de quatro capoeiristas teresinenses, a saber: Catita, Têra, Oncinha e Malagueta. A pesquisa teve como justificativa a ínfima quantidade de mulheres que ocupa espaço de destaque no universo da capoeira, inclusive na posição de liderança, ministrando aulas e organizando as atividades pertinentes à coordenação das principais ações dos grupos. O problema de pesquisa versou sobre: Como as mulheres capoeiristas teresinenses representam, constituem e determinam sentidos e significados a suas práticas na capoeira, por meio da escuta e registro de suas narrativas? O estudo aponta um insistente e acentuado machismo que, em relação ao reconhecimento e a valorização das conquistas femininas, ainda se apresenta muito aquém do esperado, ou do desejado por elas, numa tentativa de representar a condição das mulheres no universo investigado como inferior, mesmo que de forma bastante velada. É importante salientar que, através das análises das entrevistas, foi possível investigar a inclusão da capoeira na escola, nos espaços de promoção cultural e na produção do conhecimento acadêmico. É válido ressaltar que, dentre os teóricos que fundamentaram esse estudo, podemos destacar Abib (2013), Foucault (2007), Libâneo (2002), Oliveira (2009) e Silva (2016).

PALAVRAS-CHAVES: Capoeira. Mulheres. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

KEYWORDS:.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DA CAPOEIRA NO BRASIL.....	
2.1 A capoeira como prática pedagógica no espaço escolar e não escolar.....	
3 PROCESSO HISTÓRICO DA MULHER CAPOEIRISTA.....	
3.1 A imagem da mulher na capoeira.....	
3.2 Relatos da participação de mulheres na capoeira em Teresina-PI.....	
4 O LUGAR E AS VOZES DE MULHERES CAPOEIRISTAS: NARRATIVAS, SENTIDOS E AFIRMAÇÕES	
4.1 Entrevista.....	
4.2 Instrumento para análise dos dados.....	
4.3 Os sentidos e os significados atribuídos por mulheres capoeiristas às interfaces das práticas pedagógicas da capoeira e suas trajetórias de vida.....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
ANEXOS.....	
REFERÊNCIAS.....	

INTRODUÇÃO

A presença das mulheres na capoeira que, aparentemente, era quase inexistente, atualmente, vem se modificando e se atualizando, pois as mulheres estão ganhando muitos espaços e assumindo posições de comando e isso desvela dois pontos importantes para reflexão. O primeiro se ancora na concepção de que a mulher, historicamente, não existiu na capoeira, sendo insignificante ou inexistente sua presença e atuação. Em segundo lugar, demonstra a tentativa do mascaramento de uma realidade, ainda, predominantemente masculina e machista, numa clara manutenção do que Scott (2000) classificou como as velhas tradições filosóficas ocidentais que insistem em dividir, hierarquicamente, o mundo em universos masculinos e universo das especificidades femininas.

Em discursos que predominam o machismo é possível observar a inferiorização da mulher levando como consequência a falta de respeito à condição da mesma. Segundo Paz (1961, p.35) “num mundo criado na imagem do homem, a mulher é apenas um reflexo da vontade e do desejo masculino”. Na perspectiva de contribuir na construção da história das práticas educativas escolares e não escolares, a pesquisa abordou a trajetória de mulheres praticantes que alcançaram status e desenvolveram práticas que alçaram relevância da capoeira, trabalhando com qualquer faixa etária, etnia, nível de ensino, condição social, sexo, gênero, dentre outras, inclusive espaços diversos, sejam formais ou não formais, oficiais ou não oficiais, com ou sem remuneração. O presente trabalho procurou compreender os sentidos e os significados atribuídos por mulheres capoeiristas às interfaces, por elas identificadas, entre as práticas pedagógicas características da capoeira e suas trajetórias de vida.

É importante ressaltar que a inclusão da capoeira no contexto escolar vem crescendo muito nos últimos anos, porém podemos afirmar que essa inclusão pode ser considerada como uma situação inusitada, visto que a capoeira se trata de uma manifestação cultural oriunda das camadas subalternas, “dos negros”, e durante muitos anos foi condenada e proibida. Conforme Rego (1968), “O capoeira desde o seu aparecimento foi considerado

um marginal, um delinquente, em que a sociedade deveria vigiá-lo e as leis penais enquadrá-lo e puni-lo” (REGO, 1968, p.291). Dessa forma, percebe-se como a capoeira agrediu a cultura dominante e a escolarização da mesma surge como um esforço de valorização das manifestações da cultura popular brasileira a partir das instituições escolares.

Nesse contexto, podemos afirmar que a capoeira começou a se aproximar da escola na década de 70, mais especificamente no ano de 1975, que conforme Silva (2016) acontecia por meio de apresentações pontuais em escolas públicas. Segundo o autor, a chegada da capoeira às escolas de Teresina se dá de forma efetiva no ano de 1979, inicialmente a capoeira adentra à escola, utilizando-a como espaço para treinos, conforme Silva (2016):

Os capoeiras, em busca de espaços para treinarem, decidem utilizar os espaços vazios, aos finais de semanas, das escolas públicas de Teresina, grandes pátios e quadras de esportes que ficavam fechadas sem nenhuma utilização pela comunidade próxima ou distante de entorno destas escolas (SILVA, 2016, p.199).

Porém, embora a capoeira tenha chegado às escolas na década de 70 a mesma só veio integrar os currículos escolares posterior a esse período, conquistando um reconhecimento social e cultural sobre sua significância, conforme Silva (20016) isso acontece na década de 90, a partir de então a capoeira vai se consolidando como prática curricular nas escolas. A capoeira começou a ser vista de forma diferenciada pelos educadores, como cultura, arte e esporte enquanto atividade educacional lúdica para crianças e jovens.

Nessa perspectiva, faz-se necessário observar os objetivos que nortearam a presente pesquisa, sendo eles: aprofundar investigações bibliográficas, em textos de documentos oficiais e não oficiais, notícias jornalísticas e registros de imagens paradas acerca da participação de mulheres na prática da capoeira no espaço temporal dos anos finais da década de 1980 aos dias atuais; identificar como as mulheres capoeiristas piauienses representam, constituem e determinam sentidos e significados a suas práticas na capoeira, por meio da escuta e registro de suas narrativas; descrever o papel sociocultural das mulheres e suas contribuições pedagógicas no contexto das práticas da capoeira em Teresina.

A pesquisa, por se tratar de investigação acerca de um fenômeno social, se insere no contexto das pesquisas qualitativas, porém sem deixar de assumir a apropriação adequada de métodos classificados como quantitativos. Seguindo argumento de Silverman (2009) um fenômeno social é aquele que se insere efetivamente nas categorias da sensibilidade histórica, cuja versão atual é cercada por problemas historicamente constituídos, por sensibilidade política, demonstrando como o tema investigado se originou como um problema social, e da sensibilidade contextual, em que o problema surge atrelado a determinado contexto e, a partir dele, assume vários significados.

Tendo como cenário o universo da capoeira em Teresina/PI, focando em sua dinâmica histórica e, de forma específica e temática, nos desdobramentos que proporcionaram a inserção e participação das mulheres, adotamos a concepção de pesquisa histórica, partindo das ideias de Fenellon (2010, p. 145), para o qual a história “[...] é um campo de possibilidades em que vai ser trabalhado com ‘os agoras’ a serem investigados” e que, para essa pesquisa, acentua e legitima nossa opção por, negando a intenção de reconstruir o passado exatamente como aconteceu, fazer leituras e releituras desse passado centrado em perspectivas sociais e teóricas surgidas da diversidade de abordagens que permitem a lidar com interesses recentes.

Para tanto, considerou-se o espaço temporal do final da década de oitenta até o ano de 2017. A escolha desse espaço temporal nasceu do conhecimento de que as mulheres tiveram e seguem tendo participação efetiva neste cenário e pelo fato das capoeiristas entrevistadas partirem desse período. A investigação em tela, que se utiliza de fontes de narrativas orais, teve o intuito de levantar e analisar dados de fontes textuais que forneçam informações rigorosas acerca da história recente da capoeira teresinense e, dentro desse contexto, identificar e interpretar o processo histórico e pedagógico da participação das mulheres por meio de registros documentais.

Acredita-se que a presente pesquisa possa contribuir para a construção de acervo histórico bibliográfico e documental sobre a ascensão da mulher e a sua atuação nas práticas pedagógicas escolares e não escolares, por meio do manuseio e trabalho com referenciais, fontes bibliográficas e documentais, assim como, para a ampliação e esclarecimento a respeito das

vantagens e limitações das possibilidades para aplicação de métodos visuais em prol da pesquisa social.

Portanto, o presente trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que o primeiro contém as considerações sobre a história sociocultural da capoeira no Brasil, assim como, a percepção da capoeira como prática pedagógica no espaço escolar e não escolar. O segundo capítulo foi destinado à compreensão do processo histórico da mulher capoeirista, para tanto, tratamos sobre a imagem da mulher na capoeira e os relatos da participação de mulheres na capoeira em Teresina-PI. Enquanto o terceiro capítulo destinamos à análise dos dados.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DA CAPOEIRA NO BRASIL

A capoeira como manifestação histórica e sociocultural dos povos afrodescendentes no Brasil traz consigo uma história de lutas e conquistas. Ela é uma modalidade de expressão da cultura afro-brasileira, podendo assumir diversos formatos, como: dança, luta ou arte marcial, mas sabe-se que foi utilizada originariamente como instrumento contra “o regime escravocrata no Brasil durante mais de três séculos, sendo o último país no mundo a abolir a escravidão, tendo trazido cerca de 8 milhões de negros de diversas etnias para o Brasil” (SOUZA, 2010, p.4).

Para muitos autores a capoeira é uma arte genuinamente brasileira, porém outros afirmam que a mesma teria vindo da África com a chegada dos escravos no Brasil, nesse contexto, Carneiro (1997) nos informa que ela inicialmente era praticada pelos angolanos como uma dança religiosa conhecida como um ritual banto. Para Cortês (2000), a mesma é um misto de dança, luta e jogo, a qual foi introduzida no Brasil pelos escravos bantos de Angola, o referido autor considera que a capoeira chegou com os primeiros negros africanos. No que se refere aos defensores de que a capoeira é de origem africana, Silva (2016) afirma que os mesmos apontam a existência, nos dias atuais, de certas lutas de tradição africana que lembram a capoeira, como por exemplo, a N'golo, Zebra, Bassula, Cabangula e o Umudinhú. Acerca disso Silva (2016) afirma que:

O maior argumento que os defensores dessa teoria se utilizaram centra-se justamente na questão que envolve o vocábulo capoeira, ou seja, o significado desse termo, pois a capoeira era denominada 'jogo de angola', 'brincadeira de angola', 'capoeira de angola', numa clara alusão segundo a teoria da origem africana, à sua origem como prática trazida pelos negros africanos (SILVA, 2016, p.34).

Apesar de haver controvérsias sobre o surgimento da mesma, Silva (2016) afirma que a capoeira foi criada e desenvolvida pelo povo africano escravizado e seus descendentes no Brasil, notadamente nas “ruas, becos, trilhas e nos espaços escondidos dos povoamentos e espaços públicos provavelmente no final do período colonial e início do império” (SILVA, 2016, p.9). É válido ressaltar, portanto, que os defensores da capoeira como uma

cultura genuinamente brasileira acreditam que a mesma trata-se de uma mistura de diversas culturas africanas, ou seja, lutas, rituais e danças. Conforme Silva (2016), com a chegada dos primeiros escravos no Brasil houve uma tentativa de desarticulação das organizações que pudessem se transformar em revolta dos escravos, dessa forma, ocorreu uma política de evitar a concentração de escravos oriundos de uma mesma etnia. Essa prática tinha como finalidade tornar difícil a comunicação e a organização de revoltas e fugas dos mesmos, com isso ocorreu uma mistura entre diferentes camadas da sociedade africana, o que provocou uma troca muito rica entre as culturas diversas

Ela surgiu num contexto de opressão e enfraquecimento da identidade do povo africano escravizado como uma forma de resistência e estratégia de sobrevivência. É válido ressaltar que a capoeira assumiu importância significativa nos embates políticos, conforme Silva (2016) a mesma serviu de pano de fundo para o primeiro conflito político da República, no qual envolveram-se capoeiristas e políticos da época, esses tinham como objetivo dizimar a prática e retirar os capoeiristas das cenas urbanas. Dessa forma, pode-se afirmar que a capoeira é um elemento agregador entre as diversas etnias africanas em interação e uma possibilidade concreta de utilização desse 'repertório cultural' como um instrumento de luta contra a situação de extrema violência na qual estavam ligados os negros escravos, e no qual o saber corporal inscrito em "cada perna, braço, tronco, cabeça e pé, podia ser transformado numa arma eficaz a serviço da sua libertação" (ABIB, 2005, p. 135).

Porém, quando se trata das mulheres fica muito difícil se encontrar algum tipo de enfoque ou discussão. Na obra de Pires (2004), que aborda a partir do olhar histórico temas referentes à capoeira baiana no final do século XIX e primeira metade do século XX, por meio de apurada criticidade, prevalecendo indagações e argumentações relevantes e, acima de tudo, analisando processos criminais envolvendo capoeiristas, é destacado que "a presença das mulheres é bastante pequena entre os processados, com somente 3% dos casos, desvelando, segundo sua análise, que a presença das mulheres no universo da capoeira" (PIRES, 2004, p. 42).

Por outro lado, enfatiza o próprio autor, a participação das mulheres apresenta crescimento efetivo quando se aborda essa presença nos processos pela ótica das vítimas, demonstrando que quando se trata de violência contra a mulher sua visibilidade se torna acentuada. Pires (2004), no entanto, contribui para elucidar a ideia de que as mulheres ocupavam espaços no universo da capoeira ou, como denomina, cultura da capoeiragem (PIRES, 2004, p. 31).

2.1 A capoeira como prática pedagógica no espaço escolar e não escolar

O ambiente escolar veio construindo e firmando ao longo dos tempos, sua identidade e significância para a formação de vida do ser humano. É na escola que o indivíduo recebe orientação educacional formal e aprende a conviver com a diversidade cultural do outro. Cabe salientarmos, portanto, que a escola “existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber” (SAVIANI, 1995, p.19). Contudo, sabe-se que a tarefa educativa contemporânea passa por mudanças no que se refere ao cenário de novas configurações pedagógicas, as quais criam e recriam diferentes possibilidades de ensinar e aprender, isso acaba tornando cada vez mais complexo o significado e as formas de educação. No que se refere às formas de educação podemos ressaltar a educação não escolar, conhecida como ENE, a qual refere-se ao desenvolvimento de processos formativos em espaços não convencionais de ensino e aprendizagem. Do ponto de vista teórico, Severo (2015) afirma que a ENE se relaciona com:

conceitos correntes no campo da pedagogia que expressam um significado ampliado para a formação humana com base em processos de ensino e aprendizagem diversificados, complexos, dinâmicos e interconectados em espaços e tempos distintos da instituição escolar, a exemplo do conceito de educação permanente, educação ao longo da vida, educação integral, educação social etc. (SEVERO, 2015, p.563)

A educação não escolar, segundo Severo (2015, p. 563), conceitua-se como “uma categoria temática que engloba práticas consideradas formativas fora da escola”. Nessa perspectiva, o autor nos informa que a ENE pode se referir aos espaços educativos nos quais ocorrem os processos não formais e

informais. A prática educativa não formal trata-se de aprendizagens que ocorrem em ambientes não escolares, como por exemplo, o que o indivíduo vivencia no seu cotidiano. Os indivíduos aprendem de forma recíproca durante a socialização, pois existem trocas que podem ocorrer através das experiências vividas por um indivíduo durante sua vida e repassadas para o outro, agregando e gerando, assim, novas experiências compartilhadas. Nesse contexto, a educação não-formal designa:

[...] um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p. 2).

Retomando o que afirma a autora, podemos considerar que as dimensões da educação não-formal possibilitam aos indivíduos praticarem a aprendizagem com intuítos coletivos a partir do que os mesmos vivem e observam ao seu redor. A educação não-formal tem como um de seus objetivos fazer com que se construa um conhecimento educativo através do processo de interação dos indivíduos. Portanto, é necessário fazer uma distinção entre a educação formal, informal e não-formal. Dessa forma, a primeira trata-se da educação desenvolvida no espaço escolar, a segunda seria aquela aprendizagem através da socialização entre amigos, com a família; já a terceira refere-se às trocas de experiências cotidianas entre os indivíduos. Acerca disso, é interessante enfatizarmos sobre a prática pedagógica não-escolar, a qual se faz em ambientes diferentes do escolar com diversidade de práticas educativas, como afirma Libâneo (2002) quando diz que:

O campo educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras

práticas educativas. Ora, se há uma diversidade de práticas educativas, há também uma diversidade de pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação, a pedagogia dos movimentos sociais etc., e também, obviamente, a pedagogia escolar (LIBÂNEO, 2002, p.33).

O autor ao se referir às práticas educativas afirma que as mesmas não se restringem ao ambiente escolar, ou seja, podendo ocorrer em diferentes lugares. É necessário discutirmos os processos educacionais em espaços escolares e não escolares, visto que a Pedagogia não é restrita aos âmbitos escolares, portanto para a presente pesquisa, trataremos como concepção central a educação escolar e não escolar.

A educação não se reduz à relação educando-educador no interior de um processo pedagógico intraescolar, pois a mesma se insere no processo social. É sabido que a pedagogia escolar sempre foi o foco, porém a partir do século XX os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), adequaram-se para atender à solicitação advinda tanto das demandas sociais quanto das legislações, abrindo espaço para a discussão sobre a Pedagogia Social, a qual articula o cultural, educativo, social e o político. Para Orzechowski (2017, p. 305), a Pedagogia Social vai além da escola, porém “não a abandona e toma o contato objetivo com a realidade dos sujeitos”.

A capoeira enquanto patrimônio cultural imaterial nacional enquadra-se como prática educativa escolar e não-escolar, pelo seu valor identitário, sociocultural, humanístico e educacional. Antes praticada nos quilombos e nas ruas pelos escravos e que a partir do século XX chegou aos ambientes escolares. É importante salientarmos que:

O reconhecimento da capoeira e outras manifestações da cultura afro-brasileira, como as danças folclóricas (maculelê, samba de roda, puxada de rede e o jongo), culminou com a publicação da Lei nº. 11.645/2008 que modificou o texto da Lei nº. 10.639, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº. 9394/1996), tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos graus de ensino fundamental e médio (SOUZA, 2007, p.04).

Esse reconhecimento contribuiu para que a capoeira e as outras manifestações da cultura afro-brasileira ultrapassassem os muros das escolas e desmitificassem a ideia de que a prática dessas culturas somente poderia ser

executada em ambientes não-escolares. Dessa forma, é válido ressaltar que a educação se faz presente em espaços diferentes do ambiente escolar e que esses espaços merecem tanta atenção quanto o escolar, como exemplo, no que se refere às manifestações culturais, arte, esportes sendo realizadas nas ruas, em comunidades, favelas. Isso com intuito de levar para esses locais e para os indivíduos que lá habitam as práticas educativas com fins pedagógicos voltados para a moral, ética, coletividade e civilidade.

É importante discutirmos acerca das características que permitem definir a capoeira como prática cultural educativa e pedagógica, conforme Silva (2016) a mesma se trata de uma cultura que se constituiu a partir do movimento dos oprimidos, o qual “surge no sentido de se contrapor à cultura eurocêntrica que chega ao Brasil para impor valores morais e éticos ideologicamente discriminatórios” (SILVA, 2016, p.27). Para entendermos a capoeira como prática cultural educativa é necessário nos atermos ao que Silva (2016) propõe, no instante que o mesmo afirma:

[...] me utilizo do conceito de ‘prática cultural educativa’ na condução das análises sobre e através da prática da capoeira, por se tratar de um termo que conduz a uma ação de caráter educativo, que se dá de forma livre, espontânea, nos meios populares , nos mais diversos espaços sociais, porém sem negar seu caráter intencional, de prática espontânea permeada de rituais e códigos sistematicamente organizados, inclusive carregada de fortes e significativas tradições o que, em minha concepção, não nega e nem prescinde do pedagógico, mas sim caminham juntos na construção histórica da capoeira (SILVA, 2016, p.28).

Seguindo o raciocínio de Silva (2016) podemos afirmar que a capoeira possui aspectos que podem favorecer novas dimensões aos conteúdos pedagógicos, pois é “detentora de uma capacidade sem igual de atrair as pessoas, de congregar pessoas ao redor de seus espaços” (SILVA, 2016, p.29). Conforme o autor, o ensino da capoeira cria possibilidades pedagógicas “de promoção, desenvolvimento e manutenção da autonomia e da descoberta de valores essenciais para uma comunidade” (SILVA, 2016, p.30), no instante em que a mesma possibilita a vivência e reflexão sobre o jogo, proporcionando aos alunos entender:

como e porque se organiza pedagogicamente uma roda de capoeira, assim como a capacidade de identificarem o seu papel naquele jogo, leva ao entendimento sobre a importância de se valorizar os conhecimentos adquiridos por meio dos saberes dos mestres dessa arte, fundamentos que se constituem numa espécie de código e estatuto de conduta, como por exemplo, na elaboração tática de formas de se jogar, procurando assimilar novos conhecimentos e de superar as dificuldades surgidas (SILVA, 2016, p.30).

Nessa perspectiva, devemos considerar que a capoeira se detém de uma prática tanto escolar como não-escolar, promovendo para o indivíduo um fim cultural educativo e pedagógico, independente do espaço em que está sendo praticada. Ao concebermos a capoeira como prática cultural educativa e pedagógica, estamos considerando que a mesma favorece o resgate histórico e cultural dos povos colonizados, para Silva (2016) a mesma valoriza as tradições culturais e concebe “o corpo em movimento e dinamicidade criativa enquanto fonte de produção e socialização de conhecimento e saberes” (SILVA, 2016, p.31).

Dessa forma, faz-se necessário abordarmos como se deu o processo histórico da mulher na capoeira, para tanto, tratamos da imagem da mesma no universo da capoeira e os relatos da participação dessas mulheres na capoeira em Teresina-PI.

3 PROCESSO HISTÓRICO DA MULHER CAPOEIRISTA

A presença e participação das mulheres na capoeira acredita-se que sempre foi efetiva e marcante, considerando que em todos os setores da vida social as mulheres desenvolvem algum tipo de atividade, inserindo-se e participando efetivamente de alguma forma, muito embora, historicamente, essa participação ainda passa por um processo de velamento, silenciamento e invisibilidade.

Posicionamento do tipo que afirmam que antigamente a presença das mulheres era quase inexistente, atualmente vem se modificando e se atualizando, com as mulheres ganhando muitos espaços e assumindo posições de comando, desvelam dois pontos importantes para reflexão. Primeiro, se ancora na concepção de que a mulher, historicamente, não existiu na capoeira, sendo insignificante ou inexistente sua presença e atuação; em segundo lugar, demonstra a tentativa do mascaramento de uma realidade, ainda, predominantemente masculina e machista, numa clara manutenção do que Scott (2000) classificou das velhas tradições filosóficas ocidentais que insistem em dividir, hierarquicamente, o mundo em universos masculinos e universo das especificidades femininas.

Os significados atribuídos a sua presença e atuação, bem como os papéis por elas desempenhados na capoeira, avançam ao ponto de circularem documentos e imagens que as retratam como mais presentes e mais atuantes, por outro lado, deixam a desejar no reconhecimento efetivamente prático, expresso na ínfima quantidade de mulheres Mestras de capoeira. Essas mulheres desempenham papel secundário, sem autoridade e sem significação positiva, além, é claro, de esposas e meras auxiliares, quando muito, do trabalho do mestre. Não tiveram seus nomes "imortalizados", nem tampouco sua importância centralizada.

Citando alguns raros processos que evidenciam e nos trazem a certeza da existência de mulheres capoeiristas, em especial, um processo crime de 1900, envolvendo diversas lavadeiras no local de trabalho destas, notadamente uma de nome Maria Elisa do Espírito Santo que alegando ter esquecido uma peça de roupa pertencente a sua patroa, e diante da negativa das outras lavadeiras de quem tal peça não estava com elas, passou a ofender uma de

suas colegas de trabalho, ao que um homem que trabalhava por perto do local acabou por entrar em confronto corporal com Maria Elisa, acabando por lhe ferir o braço com um facão.

Essa agressão acabou por sensibilizar a mulher que havia pego sua peça a lhe devolver. O importante nesse fato foi o ímpeto de Maria Elisa em, diante do apuro de perder uma peça de roupa de sua patroa e não ter como pagar, se vendo “[...] acuada e em desvantagem, utilizou-se da única arma disponível naquele momento, defendeu-se e atacou seu adversário a golpes de capoeira” (PIRES, 2004, p. 114), demonstrando ser conhecedora dos códigos e práticas característicos da cultura da capoeiragem, visto que os gestos e os comportamentos sociais descritos no corpo do processo são típicos dos capoeiras.

Mas a memória coletiva dos capoeiristas, mantida viva nas oralidades e nas cantigas, se encontra preñe de mulheres que certamente praticaram a capoeira em Salvador, tais como Maria Homem e Maria do Camboatá, esta última ainda bastante ressaltada atualmente nas rodas de capoeira. Por sua vez, Maria Homem, nas palavras de Pires (2004), pode ser considerada uma mulher que, como muitas outras que tiveram sua trajetória de vida tornada invisível, rompe com a moralidade de sua época e se insere na prática cultura da capoeira, vindo a ser imortalizada nessa tradição cultural, porém sofrendo os preconceitos a que estão propensas as mulheres que ousam e não se sujeitam aos ditames de uma sociedade moralista e machista.

A partir do pseudônimo, há sugestão do suposto papel social desempenhado por essa mulher. Vivia nas ruas, jogava capoeira, brigava, batia, apanhava e andava pelas tascas da cidade. Contudo não encontramos ninguém que a tenha conhecido. Podemos ainda sugerir que na cultura da capoeira as mulheres praticantes foram masculinizadas. (PIRES, 2004, p. 115)

Na passagem acima identificamos uma abordagem, muito embora sutil, a respeito da condição da mulher que, segundo a análise do autor citado, tem essa condição e seu papel masculinizado para que possa ser aceita em um universo cultural fundamentalmente machista, situação que somente é amenizada no século XX. Acerca disso, algumas mulheres praticantes de

capoeira destacaram-se e tiveram seus nomes na história da capoeira como Rosa Palmeirão, Almerinda, Maria Doze Homens, Chica, Salomé, Menininha, Massú, Cattú. De acordo com Abib (2013) Almerinda, Menininha e Chica, andavam sempre juntas, envolvendo-se em brigas e confusões e, “acima de tudo, sem nenhuma pista acerca de suas origens, assim como de qual fim tiveram, desaparecendo das cenas urbanas da mesma forma como surgiram, sem deixar pistas”.

Identificamos na passagem anterior que as mulheres possivelmente tiveram papel de destaque em tal cultura e que, retornando a Pires (2004), quando não tem sua presença silenciada, eram tidas como masculinizadas, tomando como o homem detentor de poderes, um poder que já carregam consigo ao nascerem, cabendo às mulheres sempre o papel de coadjuvantes.

É importante ressaltar que nesse contexto a sociedade não esperava uma mulher independente que rompesse com os modos impostos pelos meios sociais, mas uma mulher que ficasse em casa esperando seu marido para saber o que fazer de sua vida e de seus filhos. Podemos observar isso nas palavras de Habermas (1984), quando o mesmo afirma que “a autonomia do proprietário no mercado e na empresa privada correspondia à dependência da mulher e dos filhos em relação ao marido e ao pai” (HABERMAS, 1984, p.64). Dessa forma, referimo-nos aqui ao costume social no qual a mulher deveria ficar com os cuidados da casa, do marido e dos filhos, visto que isso era percebido como tarefa de natureza feminina, acerca disso Simon (1987) nos informa que “as mulheres tinham um espaço de realização muito restrito, definido pelos papéis que “a natureza” lhes havia determinado e pela moral imperante na época” (SIMON, 1987, 21). Porém quando as mesmas iam contra esses paradigmas eram excluídas da sociedade, uma vez que todo desvio de comportamento poderia “gerar críticas, desqualificação e até mesmo marginalização social” (SIMON, 1987, p.21). Os homens eram educados para se tornarem chefes de família, enquanto para as mulheres era dada uma educação que as tornassem afeiçoadas ao casamento, segundo Simon (1987) “eram dadas às mulheres uma educação que as tornassem desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes na administração da casa” (SIMON, 1987, p.20).

3.1 A imagem da mulher na capoeira

A capoeira como instituição e prática cultural é tema de diversos campos do conhecimento, recebendo abordagens as mais diversas, tais como, histórica, antropológica, sociológica, linguística, educacional, dentre outras. São inúmeras as contribuições de especialistas que se apropriam dessa temática e imprimem suas marcas. Alguns aspectos, no entanto, ainda carecem de um olhar e um cuidado mais aprofundado, tanto por causarem certo desconforto, quanto pelo total descaso, tal é a condição da mulher, sua participação e importância nesse universo.

Abordar sobre a história da participação e das experiências das Mulheres no universo da capoeira não é fácil. Não porque essa história não existiu ou porque não existem fontes que possam contribuir para se contar aspectos dessa história, mas por conta do insistente silêncio acerca da história das Mulheres na capoeira, seja pelo machismo que ainda persiste nessa prática (SILVA, 2017), seja pelo difícil processo de construção da identidade feminina (PORTELA, 2016), fugindo dos estereótipos e das projeções negativas dessa identidade na sociedade brasileira de forma geral e, mais especificamente, da sociedade teresinense.

Nos livros e artigos sobre capoeira não é fácil de se encontrar abordagens sobre diversos temas, tais como, principais vultos, quase que exclusivamente homens; temáticas históricas e aspectos tradicionais, culturais e sociais; relações entre povo e elites; etnias, raças e nacionalidades; crianças e educação; aspectos atuais dessa prática nos contextos sociais urbanos e rurais etc.

A cultura da capoeira não pode ser atribuída a somente a realização da roda com seus ritos, tampouco à identificação comprovada de pertencimento a malhas ou grupos, mas a partir de determinados comportamentos e posturas, visto se tratar de uma cultura, um verdadeiro código de sobrevivência do povo, incluídos negros forros, escravos de ganho, brancos imigrantes, trabalhadores da rua, vagabundos, vadios, indígenas, bambas, dentre outros, caracterizando o povo da rua. Se utilizando de obras literárias, Diários oficiais, Processo-Crimes, Acervos Públicos e privados e notícias jornalísticas Abib (2013)

costura, por meio de minibiografias, perfis de mulheres capoeiristas, contribuindo para desconstruir a ideia da ausência delas nesse universo.

Uma mulher que se destacou nas cenas das ruas como valentona e com fama garantida nos redutos da malandragem da velha Salvador na Bahia, foi Cattú, também conhecida como Antônia de Tal, constantemente vista em desentendimentos e conflitos. Tinha como característica a surpresa por meio da qual se utilizava para enfrentar seus desafetos, podendo se servir de uma navalha amolada ou das pernadas violentas e capazes de fazer cair longe a pessoa atingida.

Cattú era mulher perigosa [...] com sua malícia de rua, podia dar uma pernada que fosse fazer o cabra cair longe. [...] quem se aproximava, ou realmente não sabia ou tava com muita coragem no dia. Os homens já diziam que ela tinha 'cabelinho nas ventas', por causa da sua bravura [...] (ABIB, 2013, p. 77).

Na citação anterior destacamos passagens que deixam evidente o envolvimento dessa mulher e sua forte representação na capoeira, ser possuidora da malícia de rua e habilidosa na pernada, termos próprios da cultura da capoeiragem. Quando o assunto é valentia e bravura a tendência é se atribuir aos homens estes atributos, enquanto às mulheres comumente se reserva atributos tais como meiguice e beleza, mais próximos da sedução, e fraqueza e medo, quando se refere a enfrentamento de dificuldades. No entanto, podemos perceber que se trata muito mais de preconceito e tentativa de manter o poderio do homem como central, relegando as mulheres à condição de vítimas e fracas, necessitando do amparo e proteção do homem.

O fato demonstra a significativa presença das mulheres, novamente ressaltando, na cultura da capoeiragem, visto se tratar de códigos de próprios de uma cultura que se convencionou, reforçado pela historiografia tradicional, atribuir exclusivamente aos homens, como se a mulher não fizesse parte dessa história e somente mais à frente por outros motivos, notadamente estéticos e por estar na moda, passasse a se interessa e praticar essa arte. Ao contrário disso podemos ver na passagem a seguir:

Com Maria Doze Homem ninguém bulia não...todo mundo respeitava e até temia. Aquela cara amarrada e aquele jeito esquisito, metia medo em qualquer que fosse. Mesmo os

valentões do pedaço, nem pensavam em ousadia pros lados dela (ABIB, 2013, p. 111).

A passagem traz esclarecimentos importantes acerca dos modos e costumes das ruas, da cultura que imperava soberana nas ruas dos centros urbanos em tempos idos no Brasil, colocando as mulheres enquanto sujeitas¹ dessa cultura, respeitadas e temidas tanto como os homens e não meras coadjuvantes e expectadoras das ações destes. Nos parece que as mulheres, certamente, tiveram status e chegaram a dominar determinados terrenos e espaços dessa cena, negociando e impondo sua autoridade, sem medo da força e do poderio atribuído aos homens, sendo que o que ocorreu, e ainda ocorre, é o silenciamento dessa história, o que vem sendo corrigido constantemente.

Outra personagem recorrente nas crônicas jornalísticas foi Anna Angélica, a Angélica Endiabrada, tratada como desordeira nos anos de 1914 e cujas atitudes e práticas não deixam dúvidas de se tratar de uma mulher que conheceu e transitou no universo da cultura das ruas, na cultura da capoeiragem (PIRES, 2004) ou mesmo, uma das muitas peritas em capoeiragem (SOARES, 1999), certamente conhecedora das artimanhas e dos códigos da capoeira. A respeito de Angélica Endiabrada Oliveira e Leal (2009) fazem o seguinte relato, retirado do Jornal de Notícias, um periódico baiano, em edição de fevereiro de 1914:

Quando alguma mulher se destacava na luta corporal durante estes conflitos, a “valentona” tomava o lugar da mulher comum. Em caso de extrema valentia, por exemplo, quando uma mulher chegava a enfrentar uma ou mais pessoas na luta corporal, o adjetivo endiabrada era o que comumente lhe atribuíam. No caso da já referida Angélica Endiabrada, sabe-se

¹ A opção de utilizar o termo “sujeitas”, ao invés de sujeitos, se ancora na intenção em articular o lugar e as especificidades de mulheres, além de intencionar fazer com que tenham suas vozes ouvidas e significadas, a partir de narrativas feitas por mulheres, que se colocam, se posicionam como tal, inclusive negando a centralidade masculina como natural, ou seja, presença esta naturalizada em vários espaços e aceita como tal, notadamente nos discursos acadêmicos, quando, por exemplo, sempre utilizam o termo sujeitos como único possível, mesmo quando se trata de pesquisas somente com mulheres, sem uma preocupação em justificar e esclarecer este uso, ou seja, como se tal uso fosse natural, inquestionável, quase sagrado. Pensar essa complexidade e tendo em vista a questão da mulher constituída como “sujeito pleno”, assim como, ao mesmo tempo negando essa naturalização do sujeito masculino como central e natural, optamos por utilizar o termo “Sujeitas” da pesquisa.

que chegou a enfrentar o guarda civil número 27 e “resistindo à prisão, Anna [Angélica] ainda chegou a bater no guarda n. 25, fazendo pequena escoriação nos lábios”. Algumas notícias informavam sobre mulheres desordeiras, aprontando as várias formas de transgressões da ordem. Entre elas estavam as desavenças ocorridas nas ruas, onde elas proferiam termos “indecorosos”, agredindo a moral pública. (OLIVEIRA, LEAL, 2009, p. 124)

Ampliando os achados de pesquisas sobre as mulheres na capoeiragem abordados até aqui, Oliveira e Leal (2009) trazem registros importantes acerca da presença feminina na capoeiragem do norte do Brasil, delimitando temporalmente entre 1887 e 1912 e apresentando um quadro que vai à contramão dos outros estados, visto que a associação da mulher nortista com a capoeira era fértil e constitui uma gama de indícios das mais antigas sobre a participação das mulheres nesse universo, se valendo como fontes documentais o Código Penal vigente no período demarcado e artigos de jornais, dentre os quais, *A Constituição*, *Diário de Notícias*, *A República* e *A Semana*, por se tratar de periódicos que cotidianamente retratavam os comportamentos das mulheres, prezando pela a vigilância sobre o comportamento ideal destas para a sociedade da época, além de denunciar os “maus” comportamentos, na realidade todo tipo de comportamento de mulheres tidos como inconveniente para parcela da sociedade que, por ser detentora de poderio econômico, se considerava detentora e guardiã da ordem e dos bons costumes, rechaçando quem tentasse quebrar essa ordem e não seguir o modelo ideal de mulher estabelecido.

3.2 Relatos da participação de mulheres na capoeira em Teresina-PI

A história das mulheres capoeiristas em Teresina não é muito diferente da história das mesmas em outras realidades pelo Brasil afora. Como relatado anteriormente, a trajetória da mulher na capoeira em sua maioria é contada por homens mestres de capoeira, na qual a mulher aparece muitas vezes como coadjuvante. De acordo com Silva (2016), as mulheres sempre tiveram participação efetiva na capoeira e não eram ressaltadas como sujeitas dessa história porque a historiografia oficial, escrita principalmente por homens, carecia de fontes originárias de documentos e narrativas acerca da história das

mulheres. Com as mudanças ocorridas na sociedade o “lugar da mulher” vem se modificando, visto que era restrito somente ao trabalho doméstico, porém atualmente vem ganhando espaço e visibilidade, o mesmo ocorrendo no universo da capoeira.

Para melhor ilustrarmos e embasarmos esta trajetória, é importante tratarmos acerca das entrevistas de quatro mulheres capoeiristas, as quais foram escolhidas pelo critério de tempo de suas práticas. Uma iniciou no final dos anos de 1980, outra em meados dos anos de 1990 e outras duas na segunda metade da mesma década, atentando para o espaço temporal estudado. Ao analisarmos essas entrevistas é possível traçar, através dos relatos, o período em que elas iniciaram e o motivo que as levou praticar a capoeira.

Inicialmente, traremos o relato da capoeirista Catita, a qual afirma ter começado sua trajetória na capoeira ao acompanhar o seu irmão que já treinava, seu pai não a deixava praticar capoeira, só começou quando iniciou o namoro com um capoeirista no final da década de 80 e início de 90. Como pode ser observado na fala da mesma:

Entrei mesmo para a capoeira quando conheci o professor de capoeira e comecei a namorar com ele, acompanhava ele nas apresentações, exibições, viagens, olhava as bagagens, mas em dado momento pensei: quer saber acho que eu vou treinar também, cansei de ser espectadora, além do fato de ainda sentir o peso do meu pai não querer (CATITA, entrevista oral em nov. 2016).

Assim sendo, podemos perceber pelo relato das entrevistadas que a mesma iniciou sua prática de capoeira a partir da década de 90. Como identificado anteriormente, as mulheres não eram vistas nas rodas de capoeira e isso pode ser observado na fala da capoeirista Catita quando a mesma conta ter iniciado por influência maior de seu namorado.

Ao analisarmos o relato da capoeirista Têra observamos que a mesma iniciou sua trajetória na capoeira na década de 90, sua motivação veio a partir do contato com o Maculelê. Para ela a capoeira era um lugar de resgate, amizade e muitas afinidades:

Eu entrei na capoeira em 1991, apesar de conhecer o meu mestre muitos anos antes de fazer a capoeira, um certo dia eu ia passando e vi uma coisa que me despertou muito, e eu perguntei para ele: Tucano, que que é essa dança aí com os pauzinhos? E ele foi explicar: “Ah Têra, isso é uma dança guerreira, isso aqui é o Maculelê”. Eu me interessei pelo Maculelê, então eu falei pra ele: se você me ensinar a fazer esses movimentos eu quero entrar. Foi aonde me identifiquei, tanto que na minha concepção, que eu acho até hoje. Eu me identifico muito com o Maculelê, todas as vezes que eu ia para a capoeira, pra academia treinar só queria ficar se tivesse o Maculelê, se não tivesse eu não queria fazer, porque eu gostei, mas eu não tinha conhecido a capoeira ainda, o contexto dela todo né, ela traz muitas coisas, depois devagarinho foi que eu fui me interessando, mas o Maculelê foi o que me despertou para fazer a capoeira (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

Na citação anterior destacamos passagens que deixam evidente que antes delas terem conhecido e apreciado a capoeira, tiveram outros caminhos percorridos, como por exemplo, a Catita interessou-se em praticar a capoeira após vivenciar a rotina do namorado capoeirista, já a Têra primeiro encantou-se pelo Maculelê e só depois teve interesse pela mesma. Isso evidencia a presença e hegemonia masculina no universo da capoeira, influenciando inicialmente o distanciamento das capoeiristas nas rodas.

Por outro lado, o que pode ser observado na fala da capoeirista Malagueta, quando ela afirma que “eram muitos alunos a maioria homens, mas a minha vontade de aprender era tão grande que nem me chamava atenção o fato de ter poucas mulheres, realmente eram poucas” (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

Conforme sua fala, Malagueta teve seu primeiro contato com a capoeira em 1996, sua maior motivação foi a de ver a prática enquanto fazia colônia de férias. Ela relata que continuou praticando a capoeira e que recebeu apoio e incentivo de seu pai para praticá-la. De acordo com Malagueta a prática da capoeira por mulheres era vista de forma masculinizada, sendo enfatizada a fragilidade da mulher:

Era vista como uma prática masculinizada e ao mesmo tempo gerava curiosidade. Então na escola teve uma apresentação de capoeira na mesma época que eu entrei. E eu entrei para jogar isso despertou muita curiosidade dos meus colegas e era visto como uma prática masculina. Como se fosse uma mulher que quisesse imitar um homem. Como se fosse uma mulher que fosse machucar. Como se a mulher fosse frágil demais para

fazer aquela prática, como se não fosse fazer bem para ela (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

Na citação acima é notória a comprovação de que inicialmente a participação das mulheres nas rodas era quase inexistente, mas quando elas apareciam eram vistas e tratadas de forma diferenciada. Porém, atualmente a mulher capoeirista teresinense vem ganhando espaço na prática da capoeira, algumas tendo destaque como a, atualmente, contramestre Têra, que promove alguns eventos voltados para mulheres capoeiristas, como cita Malagueta

A mulher tentou avançar na capoeira da mesma forma que houve uma progressão. Mas ela é pequena pelo que a gente espera né, porque o movimento é que as mulheres que são mais esclarecidas que se veem como diferentes mas com os mesmos direitos que os homens têm, progrediu mas foi devagar, foi lentamente. Então os homens já respeitam existem eventos como o que a contramestra Têra fazia eventos que é só para mulheres. Então você já vê mulheres cantando, tocando tudo muito mais do que antes, mas o avanço eu acredito que ainda foi pequeno como os outros movimentos feministas né que ainda se avançou mas ainda enfrentam muito preconceito (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que o empoderamento feminino contribuiu para a visibilidade e ascensão da mulher, desmistificando a ideia de que a mesma é submissa ao homem. Acerca disso, a capoeirista Oncinha, a qual teve o primeiro contato com a capoeira em 1997 aos 12 anos, afirma que:

A mulher hoje em dia depois de todas as transformações que antes não poderiam ocorrer elas mesmas eram a primeiras a não ultrapassar essas barreiras, não pegar os instrumentos, não tentar aprender. E hoje em dia as mulheres já tocam, cantam, fazem eventos, ministram aulas e fazem projetos (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Assim sendo, a partir dos relatos das trajetórias das capoeiristas aqui analisados podemos conhecer um pouco sobre a inserção e participação das mulheres na capoeira teresinense. É necessário ressaltarmos, portanto, as atividades profissionais que as capoeiristas atualmente desempenham. A capoeirista Têra hoje segue como produtora cultural e professora de capoeira

no Projeto Ronda Mirim; Catita, professora Substituta do Ensino Superior e Universidade Pública; Oncinha, estudante de Serviço Social e professora de capoeira no Poty Velho; Malagueta, Funcionária Pública do TRE/PI/Altos.

As relações atribuídas por elas variam, umas afirmam que ao se afastarem da capoeira, por motivos diversos, não mais tiveram contatos mais efetivos e seguiram outras profissões, mesmo sempre presentes no universo por meio de algumas atividades nas quais são convidadas, desde palestras até cursos e oficinas. Outras, seguem bastante envolvidas, ministram aulas, organizam e participam de eventos e procuram desenvolver suas atividades profissionais vinculadas à prática da capoeira.

O próximo capítulo intitulado como “O lugar e as vozes de mulheres capoeiristas: narrativas, sentidos e afirmações” versará sobre as análises de dados, as quais trabalhamos com as entrevistas de quatro capoeiristas teresinenses, que relataram sobre como foi a inserção das mesmas no universo da capoeira, o que as motivaram a entrar, como foram suas recepções e suas primeiras impressões. Assim como, os aspectos relevantes da trajetória das entrevistadas na capoeira, quais os papéis, funções e atribuições dados as mulheres na capoeira. Se as capoeiristas ministraram aulas, e onde ocorreram essas aulas de capoeira. Como era a condição das mulheres enquanto professoras de capoeira e qual o projeto que fazem atualmente.

4 O LUGAR E AS VOZES DE MULHERES CAPOEIRISTAS: NARRATIVAS, SENTIDOS E AFIRMAÇÕES

4.1 Entrevista

Nosso material utilizado para análise foi as entrevistas de quatro capoeiristas teresinenses, a saber: Catita, Têra, Oncinha e Malagueta. O processo de entrevista deu-se no mês de novembro do ano de 2016, o qual foi realizado pela entrevistadora Ysnaira Pollyanna. As referidas entrevistas tratam-se de um recorte de uma pesquisa institucional do NUPHEB - Núcleo de Pesquisas em História Cultural, Sociedades e História da Educação Brasileira, do qual tanto Ysnaira como esta pesquisadora foram membras. É necessário ressaltar que as entrevistas orais foram realizadas no período de desenvolvimento da pesquisa citada.

O processo de entrevista oral, envolve uma série de negociação, desde o processo de elaboração do projeto de pesquisa, até a ida ao campo, para a execução das entrevistas, técnica fundamental neste tipo de pesquisa. A escolha de um personagem cuja história de vida seja importante para determinado projeto envolve, também, aprofundado estudo e conhecimento acerca de quais aspectos, de suas lembranças, se fazem relevantes e indispensáveis vir à tona na trajetória de vida narrada. Seguindo com o que foi dito anteriormente sobre entrevista, é importante salientar que:

A entrevista adquiriu estatuto de documento, mas isso não quer dizer que a história oral tenha se ajustado aos ditames da história "positivista". Ao contrário: trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocando o objeto documentado: não mais o passado "tal como efetivamente ocorreu", e sim as formas como foi e é apreendido e interpretado. A entrevista de história oral – seu registro gravado e transcrito – documenta uma versão do passado. Isso pressupõe que essa versão e a comparação entre diferentes versões tenham passado a ser relevantes para estudos na área das ciências humanas. Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares, de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (ALBERTI, 2005, p.19).

As personagens que foram entrevistadas têm uma história de vida cuja trajetória carrega lembranças e reminiscências vivas de experiências no universo da capoeira, em especial, a praticada em Teresina/PI, no lapso temporal dos anos finais da década de 1980 aos dias atuais. A conversa, em tom de informalidade, foi sustentada por um roteiro de perguntas constando da seguinte natureza:

Roteiro de Entrevista

1. Como iniciou a prática da capoeira, o que a motivou entrar? Como foi sua recepção e as primeiras impressões?
2. Para você quais são os aspectos relevantes da sua trajetória na capoeira? Qual a importância da prática da capoeira na época de sua inserção?
3. Quais os papéis, funções e atribuições dados as mulheres na capoeira?
4. Ministrou aulas? Essas aulas foram ministradas no espaço escolar ou não-escolar?
5. Como era a condição das mulheres enquanto professoras de capoeira?
6. Projetos que faz atualmente?

4.2 Instrumentos para análise de dados

O estudo foi realizado em três etapas principais. Primeiramente, a pré-análise em que efetivamos a organização do material que foi investigado. Executamos um levantamento do material lido, o qual consta textos e imagens de jornais, fotografias, assim como, a entrevista com as quatro capoeiristas teresinense. O material, fonte da pesquisa, foi separado e categorizado segundo a natureza das informações fornecidas, a época do registro e se aborda a temática geral sobre a história da capoeira ou o tema específico relacionado a aspectos da escolarização dessa arte, a participação da mulher no universo da capoeira.

Em seguida temos a descrição analítica, em que foi aprofundado estudo do material organizado e categorizado na pré-análise e que compôs o *corpus* fundamental que forneceu os dados que serviram de base para as

análises finais. Em virtude disso, essa fase foi orientada pelas informações e produções de pesquisas anteriores, destacadas na justificativa, e nosso referencial teórico, seguindo a compreensão de que toda pesquisa deve partir de uma base de informações sólida e legitimada. No decorrer da pesquisa tivemos algumas dificuldades no que se refere ao não acesso a documentos e arquivos visuais imagéticos referentes ao objeto da pesquisa, ou seja, que representem o processo sobre o qual nos propomos e efetivamos as análises adequadas e que produziram os dados.

Após o estudo dos materiais nos detemos à análise das entrevistas, já que não encontramos fragmentos além dos fornecidos nas mesmas. A presente pesquisa centrou-se no contexto da história social da capoeira em Teresina/PI; no processo de escolarização dessa arte, como é apresentada e levada às escolas, enquanto ferramenta de cunho pedagógico; na percepção da capoeira como prática pedagógica escolar e não escolar, assim como, nos sentidos e significados atribuídos por mulheres capoeiristas às interfaces, por elas identificadas, entre as práticas pedagógicas características da capoeira e suas trajetórias de vida.

Finalmente, na terceira e última fase de interpretação referencial, aprofundamos as análises finais, que orientaram as considerações finais do estudo. Esta fase de interpretação referencial, a partir da qual acreditamos trazer novas possibilidades para a investigação sobre fenômenos sociais e humanos, especialmente, aqueles em que o *corpus* teórico vai sendo produzido à medida que nos aprofundamos em suas práticas reais, estas com pouco, ou nenhuma, teoria produzida acerca de sua natureza, tal é o caso da história das mulheres capoeiristas.

Uma interpretação referencial se propõe a uma imersão aprofundada nos escritos, oralidades, imagens paradas e em movimento, dentre outros, que contenham informações acerca do fenômeno investigado, por meio de um processo de interpretação do dito e dos silenciamentos sobre a prática, dialogando com o que os sujeitos e sujeitas destas práticas sociais narram sobre suas experiências, histórias, vivências, passagens, memórias, fatos importantes, dentre outros aspectos. Tudo isso visando a interface com o que

já se têm produzido teórica e cientificamente sobre o fenômeno, onde cabem artigos, livros, relatórios de pesquisa e outros.

Finalmente, feito este levantamento e produzido escritos acerca do que se levantou como fundamental para a construção de novos aportes teóricos, efetiva-se o diálogo entre o que se produziu e as informações obtidas por meio das narrativas das sujeitas da pesquisa, em nosso caso, quatro mulheres capoeiristas, emergindo deste diálogo teórico as aproximações sobre a compreensão do fenômeno estudado, culminando na contribuição da pesquisa para a ampliação do *corpus* teórico sobre o fenômeno investigado, bem como, contribuindo para a sistematização das pedagogias sociais nas quais as mulheres capoeiristas despontam como sujeitas.

Por meio dessas três fases desvendamos os pressupostos de natureza cultural, especialmente os modos de relações e as dinâmicas envoltas na produção do fenômeno histórico objeto da pesquisa, a saber, esse movimento de aproximação e inserção das mulheres na capoeira, assim como, a percepção da mesma como prática pedagógica escolar e não escolar, a partir do contexto mais geral da História Social dessa cultura em Teresina/PI.

4.3 Os sentidos e os significados atribuídos por mulheres capoeiristas às interfaces das práticas pedagógicas da capoeira e suas trajetórias de vida

Para compreender melhor a inserção e prática da mulher na capoeira, assim como, a percepção da mesma como prática pedagógica escolar e não escolar, foram analisadas as entrevistas feitas com quatro capoeiristas teresinenses. Inicialmente, analisamos o período de inserção das capoeiristas entrevistadas; a motivação e recepção das mesmas nessa arte, assim como, as impressões iniciais que elas tiveram. Partindo de uma ordem cronológica, primeiramente tratamos sobre a capoeirista Têra, a qual afirma ter iniciado sua prática no ano de 1991, segundo a contramestra, sua motivação veio a partir do contato com o Maculelê e sua recepção foi fácil e prazerosa, pois já conhecia outros membros do grupo. Para Têra, a capoeira é um lugar de resgate, amizade e afinidades, como podemos observar quando a mesma afirma:

A gente era de uma escola, abadá capoeira, em 91 quando eu entrei, assim, pra mim foi muito mais fácil porque eu já conhecia os meninos, o mestre Bobby, o meu mestre que é o Tucano, mestre John e o Paulinho Velho, que eram umas pessoas que eu já tinha alguma afinidade. Então pra mim foi mais fácil, porque eu cheguei e eu estava em casa, porque eles sempre fizeram com que eu me sentisse em casa (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

Podemos perceber na fala destacada que a capoeirista não sentiu muita dificuldade de inserção e permanência no universo da capoeira, considerando a mesma uma prática prazerosa e que contribuiu para seu amadurecimento, como pode ser observado em: “[...] bom, eu cresci muito na capoeira tanto quanto pessoa, pra mim foi muito bom, me despertou para muitas coisas que eu na época, muito mais nova, não dava importância” (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

Ao analisarmos a entrevista da capoeirista Catita, observamos que antes de iniciar sua trajetória nessa arte, ela a conheceu por influência de seu irmão que já treinava. Logo após, Catita passa a namorar um professor de capoeira, viajar com o mesmo para as apresentações e conhecer mais sobre a história cultural dessa arte, surgindo, assim, seu interesse para iniciar os treinos, isso ocorreu na década de 90 e conforme Catita:

O meu primeiro contato com a arte capoeira, foi com o meu irmão mais novo que treinava e eu acompanhava né então meu primeiro contato foi assim ele ia e eu ia junto tinha uma roda de rua também que ele gostava muito de ir e eu ia muito com ele mas era só acompanhando era uma espectadora (CATITA, entrevista oral em nov. 2016).

No que se refere a sua recepção no universo da capoeira, Catita relata que foi bem recebida, pois, além de namorar um professor de capoeira, de acordo com ela “sempre fui muito bem recebida no meio [...], a recepção foi muito boa, nunca senti nenhuma resistência, pois já me conheciam” (CATITA, entrevista oral em nov. 2016). A capoeirista afirma, ainda, que sua família teve muita resistência em deixá-la praticar a capoeira, principalmente o pai, pois eles viam a prática como algo marginalizado. Segundo Catita:

A família ainda teve resistência, inclusive do meu pai. Eu fui treinar porque eu quis mesmo, mas briguei muito com relação à questão de ir para a capoeira, até porque quando eu comecei a treinar, que fiquei mais envolvida com a capoeira, era praticamente 24 horas com a história dessa capoeira. Então, assim, ele brigava e eu fui muito resistente. Até porque eu dizia para ele que a capoeira não tinha droga, não tinha álcool e não tinha prostituição. Era só você jogar capoeira, então para mim tinha aquilo de por que proibir, se aqui não tem nada demais. Pelo contrário, era bom, você trabalhava o corpo, tinha exercício, tinha musicalidade, você tinha a interação com as pessoas. Para mim não tinha nada demais, ele tinha uma visão preconceituosa machista de achar que era uma coisa só de homem, achava que a capoeira era uma arte marginalizada. Você sabe que ela vem do negro [...] (CATITA, entrevista oral em nov.2016).

Retomando o que relata Catita, podemos entender que a capoeira era vista de forma marginalizada, sendo associada como algo ruim, envolvendo, por exemplo, drogas, prostituição, álcool. Isso pode ser comprovado quando relata que seu pai a proibia de treinar, por ter uma percepção, em nossa compreensão, bastante machista e preconceituosa de que a capoeira seria coisa de homem e negro, não aceitando a ideia de que uma mulher poderia fazer parte dessa arte, nos amparando no entendimento de que a mesma atitude de seu pai não se deu em relação a seu irmão, inclusive com este já treinando a arte antes dela.

Dando continuidade, analisamos a fala de Malagueta que afirma ter iniciado sua trajetória na capoeira no ano de 1996, após ter participado de uma colônia de férias e ter entrado em contato com essa prática. A partir de então ela manifestou interesse em entrar na arte. No que se refere a sua recepção na capoeira, Malagueta nos informa que foi bem recebida e afirmou que sua impressão inicial foi que tinham poucas mulheres no grupo, conforme sua fala: “O grupo era muito grande e tinham poucas mulheres, mas não foi algo que me intimidou” (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

Neste sentido, aprofundando nossas análises, a fala de Malagueta nos encaminha a entender que, diferente de Catita, sua inserção na capoeira foi tranquila, sem manifestações preconceituosas identificadas, visto que, conforme afirma, conheceu a arte, manifestou interesse e passou a praticar, o

que desvela uma aceitação por parte de seus familiares, bem como no grupo em que se inseriu.

Passando às análises das falas da capoeirista Oncinha, podemos salientar que a mesma teve o primeiro contato com a capoeira em 1997, mas não iniciou a prática porque seus pais não aceitavam que ela treinasse. Dessa forma, somente iniciou a prática da capoeira no ano de 1999, através do projeto Esporte Solidário em uma escola de seu bairro.

Oncinha relata que foi bem recebida pelo grupo e que no mesmo tinham muitas meninas, conforme ela afirma: “Fui muito bem recebida porque já tinha muitas meninas, eram mais ou menos 150 alunos no projeto e tinha quase 100 meninas” (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Percebemos através de sua fala uma acentuada participação feminina na prática da capoeira, porém ainda persistia a ideia machista de que a capoeira não era para mulheres, pois conforme Oncinha “[...] a comunidade recebia muito bem, só a questão da mulher que não era bem vista, que praticava capoeira, que ainda diziam muito que era coisa de homem” (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Dando continuidade com as análises dos questionamentos com as capoeiristas, trataremos acerca dos aspectos relevantes da trajetória na capoeira e sobre a importância da prática da mesma na época de inserção. A capoeirista Têra nos relata que teve um crescimento pessoal com a realização da prática da capoeira, através da qual teve um resgate de uma vida desregrada, visto que ela bebia, fumava e vivia de muitas noitadas. Como afirma:

Bom, eu cresci muito na capoeira tanto quanto pessoa, pra mim foi muito bom, me despertou para muitas coisas que eu na época, muito mais nova, não dava importância, antes de conhecer a capoeira eu bebia, fumava, ia muito para rua, era muito de noitada eu sempre fui muito independente, porque eu sempre trabalhei (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

Podemos observar pelo relato de Têra que a capoeira trouxe-lhe um engrandecimento não só como pessoa, mas também em suas atitudes. Ela viu

na capoeira um despertar para muitas coisas, as quais não eram vistas antes de praticá-la. Após conhecer o universo da capoeira, Têra começou a treinar e qualificar-se, passou a participar de eventos importantes chegando a graduação e a contramestra. De acordo com Têra:

E assim foi também na capoeira, fui treinando e me qualificando cada vez mais, me tornei uma capoeirista graduada para **ministrar aulas** de capoeira, depois meu mestre me graduou a professora e hoje me tornei contramestra de capoeira, onde fui a primeira mulher em Teresina a alcançar essa graduação. Atualmente viajo para outras cidades e outros estados difundindo a capoeira feminina e incentivando outras mulheres a seguirem essa trajetória (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016, grifo nosso).

Na fala de Têra, conforme nosso grifo, identificamos a questão pedagógica, objeto central desse estudo, em que ela relata que começou a ministrar aulas e se tornou a primeira contramestra de Teresina, evidenciando a importância da qualificação na capoeira, notadamente em seu processo de escolarização, muito embora ainda se tratando de processo não formal, visto que a prática pedagógica destacada por Têra se realiza nos espaços de prática desta arte. No entanto, nossa compreensão nos permite entender que esta formação é fundamental para, que no futuro, a capoeirista possa desempenhar sua prática em espaços formais.

Dessa forma, Têra enfatiza, além da questão pedagógica, o empoderamento feminino e a inserção da mulher em um meio que notadamente percebemos a presença masculina.

Por sua vez, Catita nos informou sobre a importância da prática na época de sua inserção no universo da capoeira. Através de sua fala percebemos que, no período em que Catita participava da capoeira, a presença feminina era relevante, porém ainda se observava preconceito por parte da sociedade no que se refere à mulher praticante de capoeira. Vejamos a passagem a seguir retirada da entrevista de Catita e que remete aos fatos relatados:

Eu já vinha acompanhando o grupo, entrei num cenário que já tinha muita mulher, talvez hoje tenha até menos. As pessoas quando perguntavam se eu fazia capoeira, eu sentia a pergunta cheia de preconceito, comigo eu não percebia muito

devido já viver a capoeira há muito tempo (CATITA, entrevista oral em nov.2016).

É notório perceber, pelo seu relato, que as mulheres marcavam presença nas rodas de capoeira, e que isso ainda gerava um certo preconceito com as capoeiristas, inclusive, provocando a percepção, por sua parte, de preconceitos, mesmo que de forma velada.

Seguindo com as entrevistas, trataremos dos relatos de Malagueta, a qual nos fala dos aspectos relevantes da sua trajetória e sobre a importância da prática da capoeira na época de inserção. Segundo Malagueta, durante toda sua trajetória na capoeira teve o apoio de seu pai e isso a ajudou muito a seguir com a prática. Podemos observar em seu relato:

Tive apoio durante toda minha trajetória na capoeira, meu pai sempre me incentivou muito; Não sofri a questão do preconceito, mas talvez tenha percebido ele muito menor por realmente não me importar com o que as pessoas achavam ou pensavam. Percebi a surpresa de muitas pessoas quando teve uma exibição na escola e eu entrei para jogar, todo mundo achava que eu como mulher era muito frágil (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

Portanto, ao analisarmos a fala de Malagueta percebemos que tanto em sua trajetória como na das outras capoeiristas a presença do preconceito relacionado à prática da capoeira pelo universo feminino é existente. Isso pode ser observado quando a mesma relata que foi fazer uma apresentação na escola e todos que estavam no local olharam-na com uma certa surpresa pelo fato da mesma ser mulher e está jogando capoeira. Malagueta nos informa que a capoeira era vista, no período de sua inserção, como uma alternativa de atividade física e bastante atrativa.

A capoeirista Oncinha em sua trajetória relata que inicialmente sua mãe não sabia que ela praticava capoeira, segundo a mesma teve que manter essa prática escondida, pois sua mãe tinha proibido a prática. Por conta disso, Oncinha praticou a capoeira por mais de um ano escondido de sua mãe, ela treinava no horário de meio-dia em um projeto, dessa forma saia da escola e se dirigia direto ao Piratinga. Como diz Oncinha em:

Nesse primeiro contato aos 12 anos minha mãe me proibiu já que ela é evangélica e ela tinha um certo preconceito com a capoeira e eu comecei a praticar escondido dela e isso foi durante mais de um ano. Quando teve o primeiro evento, batizado eu tive que conseguir um dinheiro com a minha vó e fazer cheiro verde e vender de porta em porta para conseguir pagar o evento (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Pelos relatos da capoeirista notamos sua garra e o quanto a prática da capoeira era importante. Nem com a proibição de sua mãe Oncinha parou seus treinamentos, conforme Oncinha chegou a participar de um evento de batizado com a ajuda de sua avó e sua força de vontade.

Dando continuidade aos questionamentos, Têra nos relata sobre os papéis, funções e atribuições dados às mulheres na capoeira. Conforme a capoeirista, muitas mulheres começaram a praticar como uma porta de abertura para que outras mulheres criarem interesse em praticá-la. Dessa forma, podemos perceber que essas mulheres se sentiam atraídas pelo corpo bonito das capoeiristas e pelas apresentações.

De acordo com Têra “As mulheres eram a atração, abríamos caminho para outras meninas se interessarem para fazer, pois tínhamos o corpo bonito e chamávamos atenção nas exposições” (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016). Sua fala nos revela que a mulher era percebida na roda de capoeira pelo seu corpo e por isso acabava gerando interesse em outras mulheres.

Esse antagonismo feminino na roda de capoeira fica evidente ao analisarmos outra fala de Têra, quando a mesma nos afirma que “O professor era quem tinha que te levar para o cenário, não tínhamos visibilidade no grupo, nos instrumentos eram mais os homens, mas a mulher também se acomodou muito e demorou a procurar seu espaço, a mulher ficava mais no samba de roda mesmo” (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

A fala da capoeirista nos confirma o que estudamos em nosso referencial teórico para compor a pesquisa, no qual a mulher ficava em segundo plano na roda de capoeira. A capoeirista Têra remete essa invisibilidade feminina na roda ao fato das mulheres não procurarem espaço para serem vistas e respeitadas. Isso pode ser observado ao analisarmos a fala de Catita:

Em relação ao que eu vivi, a mulher jogava, sempre jogou, mas em termos de roda, eu sentia na roda ainda um certo preconceito, com relação a roda muitas vezes ser do domínio de homens, então pra gente ter realmente espaço tinha que abrir uma roda só de mulheres, e eu via isso como preconceito, como discriminação (CATITA, entrevista oral em nov.2016).

Percebemos pelos relatos das capoeiristas anteriores que esse preconceito de certa forma não era velado e que ocorria em vários grupos de capoeira e em diferentes períodos, visto que as entrevistadas são de diferentes épocas.

Seguindo com o relato de Malagueta, podemos observar que os papéis, funções e atribuições no universo da capoeira foram diferentes das outras capoeiristas aqui citadas, já que a mesma iniciou a prática da capoeira no período de 1996, com uma maior inserção de mulheres o que, conseqüentemente, aumentou a visibilidade feminina. Como afirma Malagueta

Pela minha experiência, nós éramos tratadas de forma igual e quando uma mulher começava a se destacar ela recebia apoio, incentivo, porque assim nós mostrávamos que qualquer pessoa podia treinar, as rodas de mulheres ocorriam sim, eu participei, mas não as via como uma forma de separar ou diminuir as mulheres, era mais como estímulo mesmo, pra saber se aquelas mulheres que tinham vergonha se sentiriam mais a vontade pra entrar com outras mulheres (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

Segundo Malagueta, no grupo de capoeira que ela estava inserida a participação feminina era mais livre, pois a capoeirista poderia participar da roda de forma mais efetiva e sem restrições de jogar somente com mulheres.

No entanto, ao analisarmos o relato de Oncinha, percebemos que no período de 1997, sua narrativa expressa que existia um certo preconceito na roda de capoeira, principalmente quando a mulher jogava com homens, ou seja, a mulher não tinha visibilidade na roda de capoeira. Vejamos no relato a seguir:

As rodas eram sempre em conjunto e ai tinha aquele momento: "só as mulheres", porque geralmente nas rodas com homens eles não davam muita oportunidade, 'compravam' o jogo muito rápido, tiravam a gente e não tínhamos oportunidade de

avançar; A mulher tinha que jogar mesmo só na roda de mulher e elas combinavam movimentos, e eu nunca gostei disso, eu não queria brincar de capoeira eu queria lutar mesmo (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Portanto, podemos perceber pelas narrativas das capoeiristas entrevistadas que o espaço e a imagem da mulher na roda de capoeira, dependia do grupo em que a capoeirista estava inserida que haviam grupos que não davam muita abertura para a mulher jogar como qualquer outro capoeirista que treinava.

Dando continuidade às análises das narrativas das mulheres sujeitas do estudo, foi questionado a respeito de suas atuações pedagógicas, tendo como objetivo identificar se e em quais condições ministraram aulas de capoeira, bem como se essas aulas eram ministradas em espaço escolar ou não escolar.

A capoeirista Têra nos informou que ainda ministra aulas de capoeira em um projeto cujo nome é “Gingando com Cidadania”, o qual é realizado no núcleo do Rone Mirim, instituição de batalhão policial oficial do estado, sem natureza educacional escolar. A capoeirista afirmou que quando começou a ministrar aulas ainda era corda azul² pois trabalhava no comércio a semana inteira e não tinha muito interesse em ministrar aulas, como podemos ver em seu relato:

No começo quando eu era corda azul, e por eu trabalhar a semana inteira no comércio, nunca tive interesse em ministrar aulas de capoeira, eu não me interessava por ver que as pessoas só tinham interesse na capoeira quando ela estava na mídia. Então, na minha concepção, só fica na capoeira quem ama a capoeira de verdade (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

Podemos compreender na narrativa acima que, inicialmente, Têra não tinha interesse em ministrar aulas de capoeira, pois conforme a capoeirista as pessoas só se interessavam pela arte quando ocupava espaço na mídia. Não encontramos, nas reminiscências de Têra, elementos outros que nos permitam

² Ressaltando, a título de informação, que “corda” é o artefato, confeccionado com cordas de algodão trançadas, que simboliza a graduação da praticante de capoeira, enquanto a cor, no caso de Têra a azul, representa o grau hierárquico alcançado pela praticante, de acordo com as normas de cada grupo.

fazer uma análise aprofundada sobre sua decisão e opção por não ministrar aulas, no entanto, é perfeitamente presente nos relatos dela e das demais sujeitas, reforçados por Silva (2009; 2016) que o machismo e o poder de decisão sobre quem deve ou não ministrar aulas e comandar grupos de alunos centralizado, quase que totalmente, na mão de homens, mestres e professores “donos” dos grupos (SILVA, 2016).

Porém, é importante ressaltar, que Têra, passado algum tempo e amadurecendo na prática da capoeira, começou a ministrar aulas no projeto do Rone Mirim, o qual se trata de uma prática educativa realizada em um espaço não escolar.

Ao contrário do relato da capoeirista Têra, Catita não chegou a ministrar aulas, informando-nos que nunca pensou em ministrar aulas de capoeira, isso pode ser observado quando afirma: “[...] parei na corda de graduação, nunca me vi dando aula de capoeira, e coincidentemente eu parei na época para ter minha filha, e o tempo foi ficando menor” (CATITA, entrevista oral em nov.2016).

A fala de Catita nos permite entender que ela deixou de praticar capoeira quando engravidou, afastando-se quando sua filha nasceu, pois ficou sem tempo para se dedicar à prática. Não podemos omitir que Catita, por outro lado, namorou e casou com um mestre de capoeira e, analisando a partir deste viés, certamente estava sempre envolvida nos eventos, nas aulas, atividades e encontros de seu grupo, inclusive, auxiliando nas aulas com alunos iniciantes e crianças, o que, de certa forma caracteriza uma prática pedagógica e desvela o papel mais desempenhado pelas mulheres na capoeira, que é o de auxiliar aos homens.

No que se refere à capoeirista Malagueta, a mesma nos informou que ministrou aulas em um projeto “Esporte Solidário”, a convite de seu mestre. Malagueta afirma que sentiu preconceito por parte da comunidade na qual o projeto estava inserido, visto que se tratava de uma mulher ministrando aulas de capoeira. Porém, conforme afirmou, os alunos eram crianças e não demonstravam esse preconceito. Como pode ser observado em:

Dei aula no projeto Esporte Solidário a convite do meu mestre, na periferia, bairros Bela vista e Dirceu, e o preconceito era muito grande, não nos locais de treino em si, mas na comunidade mesmo, eram poucos alunos e a maioria crianças que ainda não tinham sido “deseducadas” o suficiente para achar que uma mulher não podia ser professora de capoeira, mas os adultos deixavam a nítida impressão de que algo ali está errado pela professora ser uma mulher (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

Dessa forma, observamos que a capoeira chegava às comunidades como um projeto socioeducativo e abrangia mais o público infantojuvenil, o qual acolhia sem preconceito a prática da capoeira e as aulas serem ministrada por uma mulher.

Assentados em Silva (2016), identificamos, na fala de Malagueta, o que este autor aponta enquanto determinado empoderamento das mulheres que, muito embora, ainda tímido, demonstrava que as capoeiristas vão conseguindo alcançar certo grau de reconhecimento e respeito no universo da capoeira, sem esquecer a contribuição de praticantes homens que resolvem estudar e aprofundar reflexões acerca da diversidade e do respeito às diferenças, especialmente de gênero, aspecto este foi de fundamental importância.

Ao analisarmos a narrativa da capoeirista Oncinha, percebemos que ministrou aulas tanto no espaço escolar como no espaço não escolar. De acordo com Oncinha:

Quando eu peguei a graduação da corda azul meu professor começou a nos incentivar a dar aula, eu fui de casa em casa no meu bairro em busca de mulheres que quisessem treinar, pensei que elas fossem se sentir mais à vontade com uma profissional mulher, se cadastraram 52 meninas, para ter aula no Piratinga onde eu tive aula (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Oncinha teve incentivo logo no início da sua graduação para ministrar aulas, indo em busca de suas alunas em seu bairro e tendo como foco um grupo de mulheres para ministrar suas aulas. Ela executou esse projeto no espaço cultural Piratinga, localizado no bairro Poty, em Teresina, local onde iniciou sua prática.

Após esse projeto em sua comunidade, Oncinha ministrou durante 5 anos aulas de capoeira em um programa chamado “Mais Educação”, o qual foi desenvolvido no espaço escolar. Como relata “[...] depois surgiu o projeto Mais Educação, dei aula por 5 anos, com essas aulas a pedidos, veio a necessidade

de abrir a turma para os meninos no Piratinga, sendo turmas para meninas terça e quinta e turmas mistas na quarta e sexta, não fiz turma só de meninos”.

A narrativa de Oncinha contribui de forma significativa para o entendimento que tivemos na interpretação da fala de Catita, em que, dado o estado presente de tensão, luta, resistência e persistência destas mulheres, elas acabam por assumir seu lugar no universo da capoeira, seja como mulheres praticantes, professoras e, como demonstra Oncinha, líder de grupo.

Sentimos a necessidade de questionar às capoeiristas sobre a condição feminina enquanto professoras de capoeira. Acerca disso, Têra nos informou que sempre foi muito bem recebida pelos alunos, como podemos identificar quando afirma: “A mulher, pelo menos nas minhas experiências sempre foi bem recebida como professora de capoeira, muito respeitada também” (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

Por sua vez, Catita não chegou a ministrar aulas de capoeira, mas levantou uma importante discussão sobre a conquista de espaço das mulheres. Conforme defendeu, seria mais fácil uma mulher ministrar aulas de capoeira atualmente: “[...] hoje creio que não teria preconceito em uma mulher dando aula de capoeira, hoje já conquistamos muita coisa, acho que não teria preconceito, talvez não seria tão fácil mas também nada impossível” (CATITA, entrevista oral em nov.2016).

Na afirmação, Catita fala do preconceito que rondava as rodas de capoeira e afirma que atualmente não acabou, mas é mascarado, ou mesmo, podemos inferir, mais difícil de se contrapor às conquistas das mulheres.

Seguindo esse raciocínio podemos perceber que, conforme Malagueta, houve ascensão e visibilidade no que se refere à mulher como professora de capoeira. Isso pode ser analisado quando a mesma fala que “hoje é mais acessível para a mulher dar aulas de capoeira, há um suporte, um apoio maior eu acho, há mais estudos e principalmente muito mais mulheres empoderadas, não estaria mais fácil, mas talvez menos difícil” (MALAGUETA, entrevista oral em nov. 2016).

A capoeirista Oncinha nos relata um momento marcante que teve com um aluno, que segundo a capoeirista pode ter mudado a concepção dele sobre uma mulher ser professora de capoeira. Vejamos a afirmação de Oncinha: “Uma única vez, nas minhas primeiras aulas do Mais Educação, um aluno se

surpreendeu por ser uma professora para dar as aulas de capoeira e perguntou se eu sabia pular mortal, fiz um mortal sem as mãos e conquistei ele” (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

Por fim, perguntamos às capoeiristas acerca dos projetos que atualmente desenvolvem. Têra afirmou que realiza dois projetos e, conforme ela: a “[...] inserção da capoeira na Caminhada Outubro Rosa³ e ministro aulas de capoeira aos sábados, para os alunos do pelotão mirim do Rone” (TÊRA, entrevista oral em nov. 2016).

A capoeirista Catita é professora substituta do Ensino Superior e Universidade Pública, não desenvolve atualmente projeto de prática da capoeira. Já Malagueta atualmente é funcionária pública do TRE/PI/Altos e não desenvolve projeto relacionado à prática da capoeira. A capoeirista Oncinha nos relatou que trabalha cerca de 10 anos com projetos de capoeira, conforme afirma: “dou aula há 10 anos no Piratinga, Virtude Capoeira, onde comecei, da turma de 52 meninas, ficaram 3, agora são todos novos, a maioria vindos do Mais Educação” (ONCINHA, entrevista oral em dez. 2016).

A partir das narrativas das capoeiristas teresinenses entrevistadas percebemos como essas histórias e memórias relatadas se interligam e nos fornecem pontos importantes para uma reflexão sobre a condição feminina que vem percorrendo uma ascensão em vários espaços. Podemos notar a ascensão da capoeira que antes era uma prática marginalizada, tomando proporções universais e rompendo barreiras. A seguir fazemos nossas considerações finais acerca da pesquisa.

³ Evento realizado anualmente em Teresina, no mês de maio, com vasta cobertura da imprensa e apoio de instituições públicas e privadas, sendo Têra responsável por coordenar uma marcha de mulheres capoeiristas que culmina numa roda de capoeira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres na capoeira foi marcada por momentos de preconceito e discriminação, essas mulheres que praticavam capoeira eram vistas de forma preconceituosa na sociedade machista e conservadora em meados do século XVIII e XIX. A presente pesquisa, dada sua dimensão foi organizada a partir da intenção do levantamento de aspectos relevantes acerca dos sentidos e os significados atribuídos por mulheres capoeiristas às interfaces, por elas identificadas, entre as práticas pedagógicas características da capoeira e suas trajetórias de vida.

O trabalho realizado, a partir de investigações bibliográficas, em textos de documentos oficiais e não oficiais, notícias jornalísticas e registros de imagens paradas acerca da participação de mulheres na prática da capoeira no espaço temporal dos anos finais da década de 1980 ao ano de 2017 comprovou que é ínfima a participação feminina no universo da capoeira. Partimos do entendimento de que as mulheres sempre tiveram participação efetiva na capoeira e que não eram ressaltadas como sujeitas dessa história porque a historiografia oficial, escrita principalmente por homens, carecia de fontes originárias de documentos e narrativas acerca da história das mulheres.

Através desse trabalho identificamos, por meio da escuta e registro de suas narrativas orais, enquanto resposta ao problema central do estudo, que as mulheres capoeiristas teresinenses representam, constituem e determinam sentidos e significados a suas práticas na capoeira de forma positiva, enquanto dinâmica e contribuição relevante para o universo dessa arte-cultura, bem como prática que, por meio de suas lutas, conscientização e, em alguns casos, por meio de imposição, passou a ser reconhecida e valorizada, inclusive, ganhando destaque nestes cenários, até certo ponto, predominantemente masculino, machista e sexista.

Neste sentido, descrevemos no corpo do trabalho elementos fundamentais que destacam o papel sociocultural das mulheres e suas contribuições pedagógicas no contexto das práticas da capoeira em Teresina/PI.

Com a realização das entrevistas, transcrição e análise referencial deduzimos que as capoeiristas, inicialmente, foram bem recepcionadas em seus grupos de capoeira, mas tiveram resistência no que se refere à família, pois a capoeira era vista de forma marginalizada e não se aceitava a sua prática por mulheres. Através dos relatos das capoeiristas percebemos que a inferiorização da mulher estava idealizada tanto na sociedade, quanto nas rodas de capoeira, no momento em que ela não tinha espaço como os outros capoeiristas do grupo.

Outro aspecto abordado nessa pesquisa foi a capoeira como prática pedagógica escolar e não escolar, em que, através dos relatos das capoeiristas, podemos induzir que a capoeira foi trabalhada por meio de projetos em espaço tanto escolar como não escolar. É importante ressaltar que a maioria das capoeiristas entrevistadas já ministraram aulas durante sua trajetória na capoeira, porém somente duas, atualmente, seguem com projetos voltados à prática pedagógica e expansão da capoeira. Portanto, é necessário compreendermos a importância de a capoeira ter superado o preconceito que lhe foi historicamente atribuída enquanto prática marginalizada, realizada nas ruas, e conseguir chegar e ocupar espaço privilegiado em espaços escolares, alcançando reconhecimento sociocultural e educativo.

De acordo com nossa análise e interpretação referencial deduzimos que as práticas destas mulheres, em seu próprio movimento de luta por espaços e por reconhecimento, se constituem em práticas pedagógicas, em formas de pedagogias sociais, caracterizadas pela intencionalidade, o movimento, as dinâmicas e o fazer, encharcados e profundamente marcados de feminilidade, assentadas na insistente e sempre urgente luta por respeito, em que se utilizam da estética da capoeira, acima de uma possível marca sexista, ou seja, de seus corpos e de sua beleza como atributos essenciais, para deixar claro que são mulheres, sim, porém são capoeiristas possuidoras de características fortes, personalidades definidas, intenções claras e, acima de tudo, capacidades e competências forjadas no bojo desta prática, sem perder a ligação significativa com suas vidas, enquanto mulheres, mães, esposas, estudantes e profissionais.

O trabalho traz à baila, também, que as mulheres conquistam espaços, antes somente permitidos aos homens, assumindo a autoria de histórias, ou

seja, de suas histórias, até pouco tempo escrita somente pelos homens, além de surgirem frente aos grupos e escolas de capoeira como protagonistas, novamente destacando se tratar de pedagogias sociais que emergem como ferramentas sociais de imposição de suas intenções e condições, iniciando este movimento em suas próprias famílias, muitas vezes, conforme suas narrativas, lugar em que o preconceito de mostra de forma mais efetiva e ferrenha, para em seguida, por competência e consciência plena do que intencionam, assumirem lugar central no universo da capoeira teresinense, num movimento impossível de recuar e que somente cresce e se solidifica.

Este trabalho monográfico não pretendeu, jamais, esgotar o tema em questão, apresentando provas ou certezas absolutas, mas somente fomentar o debate e a reflexão acerca de aspectos da história das mulheres na capoeira teresinense e abordar algumas características no que se refere às práticas pedagógicas realizadas, por estas mulheres, nos espaços escolares e não escolares. A partir disso, provocar novas pesquisas em torno da temática, em especial, considerando os contextos, cenários e características particulares de cada região, lugar, cidade, estado, outro.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers (Coord.). **Mestres e Capoeiras famosos da Bahia**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2013.

ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves. **Mestre Atenilo**: o relâmpago da capoeira regional. Salvador: Núcleo de recursos didáticas da UFBA, 1988.

AVELINO, Ysnaira Pollyanna Damasceno; SOUSA, Anna Caroline Silva Costa; SILVA Robson Carlos. A Capoeira como aparelhagem social de visibilidade do Negro: identidade e ascensão social. IN: MIRANDA, J. C. B.; SILVA, R. C. **Entre o Derreter e o Enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional**. Fortaleza : EdUECE, 2015, v.1. p.195-216.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica: uma revisão. IN: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014, p. 189-217.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96**. Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Indagações Sobre Currículo –Currículo, Conhecimento e Cultura**. Brasília: MEC. 2007.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAMATTA, Roberto. **O que é o Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**.7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

GOFF, Jacques Le. **A História Nova**. 5. ed. São Paulo Martins Fontes, 2005.

LIBÂNEO, José C. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 59-97.

MORAES, Cândida Andrade de. **Pedagogia Social comunidade e formação de educadores**: na busca do saber sócio-educativo. Disponível em: www.smec.salvador.ba.gov.br/site/.../espaco.../pedagogia-social.pdf. Acesso em: 23/04/2018.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires e; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira identidade e gênero**: Ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: UFBA, 2009.

SCOTT, Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. In. **Debate Feminista**: Cidadania e Feminismo, n. especial, 2000.

SILVA, Robson Carlos da. **As narrativas dos mestres e uma história social da capoeira em Teresina/PI**: do pé do berimbau aos espaços escolares. Curitiba: CRV, 2016.

SILVA, Robson Carlos da; CALAND, Tamara da Costa Sobral. A Inserção, atuação e permanência na Mulher nos grupos de Capoeira de Teresina: notas etnográficas. **Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)**, v.06, 2009, p.93-104.

SILVA, Thais Coelho. Corpos deslocados em Mulheres alteradas. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa/RS, n. 9, p. 131-141, 2006.

SOUZA, E. G. R. S; FERRAZ, M. R.; CHAVES, W. M. História E Cultura AfroBrasileira (Lei 10.639/03): Um Desafio Para a Educação Física Escola. In: **ENFEFE 2007 – UFF/Niterói**.

STREY, M. N. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In: GROSSI, P. K. **Violências e gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

PASTINHA, Mestre. **Mestre Pastinha e sua academia**, São Paulo: Philips, p1979, 1 vinil sonoro, 29,5mb, estéreo, 12 pol. PORTELA, Cristiane. **Mulheres na Mídia**: a construção da identidade feminina na revista Veja. Teresina/PI: EDUFPI, 2016.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. 3. ed. Salvador/BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A Capoeira na Bahia de todos os Santos**: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937). Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafiset, 2004.

TRANQUILIN-SILVA, J. F.; CAMINHA, M. “Moça, você é Machista”: narratividades juvenis sobre sexualidades e gênero: (re)apropriações de matrizes tradicionais da cultura de massas. In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGÍA DEL MERCOSUR, 11., 2015, Montevideo. **Anais...** Montevideo: Universidad de la Republica, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2kkjS2r>>. Acesso em 13 nov. 2017.

Entrevistas de História Oral

CATITA. 2016. Entrevista IV feita por Ysnaira Pollyanna Damasceno Avelino, nov., Teresina/PI. [1 arquivo mp3].

MALAGUETA. 2016. Entrevista I feita por Ysnaira Pollyanna Damasceno Avelino, nov., Teresina/PI. [1 arquivo mp3].

ONCINHA. 2016. Entrevista III feita por Ysnaira Pollyanna Damasceno Avelino, dez., Teresina/PI. [1 arquivo mp3].

TÊRA. 2016. Entrevista II feita por Ysnaira Pollyanna Damasceno Avelino, nov., Teresina/PI. [1 arquivo mp3].